

1 POR UM SINDICALISMO DE NOVO TIPO

Os últimos anos têm sido anos de grande desenvolvimento do movimento sindical dos estudantes portugueses. Isso deve-se às condições objectivas que na sociedade portuguesa de hoje tendem a transformar o movimento estudantil num sector importante da luta que corresponde aos interesses da população trabalhadora do país. E deve-se também à aplicação de uma linha de massas que em várias associações de estudantes têm permitido fazer avançar o movimento no caminho da luta pelo justo objectivo de um ensino popular. Assim se deram importantes passos em frente no sentido da construção de uma verdadeira unidade dos estudantes portugueses baseada na prática de luta e no sentido de uma real integração do movimento estudantil na luta geral das massas populares. Há no entanto algumas associações que têm permanecido afastadas deste processo, por estarem dominadas por direcções oportunistas que conduzem o movimento a graves impasses. A realidade que directamente nos respeita - o movimento estudantil de Coimbra - constitui um caso extremo deste tipo, a tal ponto foi quebrada a organização sindical e traída a luta dos estudantes pelos seus pretensos dirigentes. É com base na experiência real do que tem sido a luta e organização sindical em Coimbra (e a relação entre a organização e a luta), que afirmamos hoje que o movimento sindical dos estudantes de Coimbra tem de ser construído do exterior das actuais estruturas associativas e contra os actuais dirigentes associativos; isto é, contra a clique de burocratas completamente afastados das massas que dizem representar.

É isto que nos propomos analisar neste texto. É isto que iremos levar à prática.

UMA ORGANIZAÇÃO SINDICAL AO SERVIÇO DO REFORMISMO

Para que fique bem clara a necessidade de reestruturação do movimento sindical dos estudantes de Coimbra, torna-se necessário compreender a que ponto a prática organizativa do M.A. se confundiu e identificou irreversivelmente com os fins dos reformistas. Torna-se necessário compreender o total isolamento que existe entre o M.A. por um lado e as massas e a luta das massas por outro.

Uma característica fundamental do presente ano lectivo tem sido a multiplicação de lutas espontâneas e parcelares com que as massas estudantis opõem formas primárias de resistência ao conteúdo e aos métodos do ensino da classe da burguesia. Ora, todas essas formas primárias de resistência revelam duas constantes: por um lado, os estudantes rejeitam esse ensino; por outro, os estudantes rejeitam o M.A., isto é, rejeitam a prática reformista que caracteriza as estruturas associativas. Preferem organizar-se espontaneamente, curso por curso, para cada fim concreto, a servirem os objectivos dos dirigentes oportunistas. Isto só pode ser entendido à luz da prática sindical dos reformistas:

AUSÊNCIA DE DEMOCRACIA -- Os reformistas criaram uma organização sindical totalmente desligada do que se passa nas faculdades. Se o movimento das massas nos seus locais de trabalho assume alguma amplitude então reúnem-se as "sábias" cúpulas reformistas, tomam decisões, fazem-nas passar por decisões dos estudantes, tentam orientar o movimento para finalidades diferentes e opostas aos interesses dos estudantes. As massas, claro, não são para aqui chamadas. Os reformistas fizeram um figo à democracia estudantil. Este estilo de trabalho traz ainda como consequência o seguinte: fecha-se à associação e fica tudo quieto, desaparece o movimento. As autoridades agradecem. Passa-se à luta pela abertura da associação. E assim sucessivamente.

CONCEITO FORMAL DE REPRESENTATIVIDADE -- Para os reformistas, representatividade é uma coisa que se ostenta como um prémio recebido, e que se consegue fazendo eleger meia dúzia de burocratas (ou aspirantes a burocratas) à volta de um "programa" que não diz nada para além dos habituais chavões anti-repressivos, moralizantes ou de melhoria da universidade burguesa. Se a coisa passa sem há programa. Representatividade para eles é aparecerem quando as massas estão em luta, fazer votar (depressa) isto ou aquilo, e estarem daí para o futuro "mandatados" por esses braços levantados. Isto, claro, após cozinharem nas juntas a "vontade das massas" e as "vitórias dos estudantes". Representatividade, para eles, é ainda reproduzirem as suas cúpulas umas a partir das outras (vindas de "mandatos" desse tipo) e sancionarem-nas depois (quando o fazem) em mais uma votação de mesmo género. Sirva-nos o triste exemplo da chamada "Comissão Associativa". E, sobretudo, representatividade, para eles, nada tem a ver com a prática de luta e com a discussão na base. Isso são perigos a evitar cuidadosamente não va fugir a "representatividade".

INFORMAÇÃO DETURPADA — Para os reformistas, que tanto gritam pela liberdade de informação (embora raras vezes se lembrem de a usar pôr em prática), praticam uma informação deturpada e falseadora da realidade, contra a qual devemos lutar por uma real liberdade de informação. Além de quase não informarem sobre a luta nas faculdades e nas outras universidades, quando o fazem limitam-se normalmente a focar as manifestações da repressão: processos, encerramentos, prisões, etc. Escondem o verdadeiro conteúdo das lutas e os objectivos em vista (caso das lutas deste ano em Lisboa). Não sabem, ou fingem não saber que a repressão é uma constante do desenvolvimento de todos os movimentos progressistas, e procuram apresentá-la como a sua determinante, e a luta contra ela como sendo a alma do movimento. Assim sabotam os reformistas a própria luta contra a repressão.

FUNCIIONAMENTO BUCROCRÁTICO DAS ESTRUTURAS ASSOCIATIVAS — As direcções, comissões, juntas, etc, dos reformistas, são entidades auto-suficientes que têm por regra número um de funcionamento a silabragem das opiniões discordantes sobre os objectivos de luta ou a tática a adoptar. Claro que é possível, em certos casos, ocupá-las, discutir as questões de princípio, afastar os reformistas. Mas é errado fazê-lo nas condições de uma organização burocrática que se auto-defende obrigando, lá dentro, a um estilo de trabalho viciado, pré-estabelecido. E mais do que isso, é um grave oportunismo fazê-lo nas condições de uma organização associativa que, pela sua própria natureza burocrática ao serviço do reformismo, está irremediavelmente afastada das massas e das lutas das massas. Somos contra a substituição dos burocratas. Somos pela sua destruição total. Só a reestruturação do movimento a partir da base, pela aplicação de uma linha de massas, o poderá conseguir.

OS MÉTODOS CUPULISTAS DE TRABALHO — O funcionamento burocrático das estruturas associativas e a submissão destas a uma cúpula totalmente exterior ao trabalho associativo nas faculdades, dão origem a toda uma praga de decisões ditatoriais e de métodos cupulistas de trabalho. A partir de uma ideia de representatividade baseada no conceito de maioria silenciosa (e sempre que possível silenciada) os reformistas tentam impôr a sua linha ao movimento a fim de melhor o reprimirem e desviarem. Surgem as decisões de cúpula a vincular as juntas, mesmo contra os próprios programas aprovados na base que deveriam informar toda a actividade das juntas. Surgem as tentativas de fazer passar pela aprovação dos dirigentes os objectivos manifestados na base (os reformistas não participam nem dirigem — autorizam ou proíbem). Surgem as tentativas de impedir as reuniões de massas. Surgem as tentativas de boicotar a informação e a saída de textos (casos de Medicina e Direito). E, para coroar, gera-se o aborto chamado "Comissão Associativa", no mais profundo desrespeito pelos princípios de democraticidade e representatividade do movimento estudantil. Os dirigentes reformistas tentam entorpecer o movimento, fazer com que andemos todos os anos a pedir o que eles perderam no ano anterior. O cupulismo, a burocracia são as suas armas derradeiras e naturais.

UM FOSSO CAVADO ENTRE A ASSOCIAÇÃO E OS ESTUDANTES — Os reformistas organizam-se fora das faculdades, longe das massas. A associação centralizando a organização de todas as faculdades, acaba por não estar ligada a nenhuma. As juntas não são uma organização nascida e desenvolvida nas lutas travadas nas faculdades, mas apêndices corporativos e obedientes da cúpula, a direcção da associação e sucessores, actualmente criados de "comissão associativa". As juntas servem para aplicar a linha da direcção e dentro dela se devem manter. Ou bem que cumprem o recado ou bem que são "divisionistas". Esta subordinação burocrática serve para assegurar que quem toma as decisões são os "sábios" dirigentes reformistas. Só da reorganização sindical lançada na base, ligada às massas, temperada na luta, surgirá reconstruída a Associação Académica de Coimbra.

DESPOLITIZAÇÃO — Este é um dos objectivos máximos a que os reformistas se têm dedicado. A fim de evitarem a discussão política na base (que os peria imediatamente em causa no fazer avançar o movimento), impedem qualquer enquadramento das lutas parcelares, qualquer análise da universidade burguesa e da sua função. Se têm que apresentar razões, os "dirigentes" são pródigos: "os estudantes não percebem, não estão preparados...", "os estudantes ficavam como burros a olhar para um palácio", "isso são coisas esotéricas", etc. Com uma ou outra nuance derivada das respectivas diferenças políticas, os reformistas fizeram sua a bandeira anti-estudantil da "Despolitização e Reforma".

Os reformistas procedem como todos os reacçãoários: encobrem-se numa fraseologia progressista, tentam meter-se dentro dos movimentos, a fim de os captar, de os orientar para os seus fins, de os travar.

O M.A. dos reformistas é um obstáculo na luta dos estudantes de Coimbra. Só temos uma resposta, só temos um caminho: organizemo-nos na base, em cada escola, em cada curso, em cada turma. Ligando-nos às massas, participando na luta. Criemos o **MÓVIMENTO SINDICAL DOS ESTUDANTES DE COIMBRA!**

Com uma prática organizativa dominada por todos estes vícios burocráticos, que se caracterizam globalmente pela rejeição de uma linha de massas (substituída por métodos de trabalho dirigistas) tenta-se, e tem-se conseguido conduzir o movimento para conteúdo dos reformistas e legalistas. É pois urgente definir correctamente uma linha de massas e levá-la à prática. Os objectivos e os métodos não existem separadamente, e só utilizando métodos correctos podemos atingir os nossos objectivos. Avançaremos nesse sentido se soubermos colher as lições de que tem sido este ano o trabalho associativo nas suas linhas gerais:

TOMADA DA BASTILHA -- De vários episódios desta jornada de luta podem ser resumidos naquilo que foi o seu aspecto essencial: a luta entre a vontade das grandes massas de estudantes e a vontade de um punhado de dirigentes oportunistas, entre aquilo que os estudantes pretendiam e tentaram que fosse a Tomada da Bastilha, e aquilo em que esses dirigentes procuraram transformá-la, entre a marcha do movimento das massas e o freio imposto pela reacção dirigente. Neste dia, posto perante a evidência da vontade de luta de centenas de estudantes, o oportunismo multiplicou os expedientes de sempre: desde o legalismo mais desavergonhado (convocação, palavras de ordem, tentativas de conciliação com as autoridades na preparação do cortejo) às tentativas de fazer recuar a luta e calar os estudantes (cantina, saraa, e de se lhes opôr de forma policíesca (saraa) até à demissão completa e ao derrotismo mais rececionista quando se viram ultrapassados pelas massas (cortejo, palavras de ordem de "ir para casa"). É que, enquanto os "dirigentes" pretendiam "realizações devidamente legalizadas", os estudantes pretendiam sair para a rua e manifestar-se. Daí as palavras de ordem de "ir para casa", e, em seguida, perante a insistência dos estudantes em permanecerem reunidos, a convocação de juntas "para dispersar". De tudo isto, apenas duas coisas saíram evidentes: a real combatividade manifestada pelas grandes massas de estudantes e o afundamento total da linha da direcção. Violentamente criticados nas Juntas, os dirigentes tentaram safar-se usando os habituais métodos burocráticos: primeiro, fazendo tímidas confissões de impotência e fugindo às reuniões em que eram atacados; depois, no momento propício, regressando com umas dezenas de braços reunidos à última da hora para tentar calar as críticas feitas e impedir a saída de textos em que tais críticas eram postas à consideração de todos os estudantes, como foi o caso de comunicados aprovados nas Juntas de Medicina e Direito. Claro que tudo isto só foi possível porque grande número dos estudantes mais activos não tinham ainda a consciência da impossibilidade de travar a luta contra o oportunismo dentro do próprio campo que este construíra, com as armas que este escolhera, entrando no seu jogo burocrático. É por esta razão que a Tomada da Bastilha não se cifrou num avanço importante do movimento, mas antes conduziu (dado o estado de desorganização das massas estudantis que haviam deixado para trás os dirigentes) a uma grave situação de desmobilização, acompanhada pelo d'escrédito total da Direcção-Geral e da M.A.

A PRÁTICA DE LUTA EM DIREITO -- Durante este período é na Faculdade de Direito que se regista uma maior evolução do movimento. A série de processos de luta espontâneos e massivos (mas desligados uns dos outros) que se desenvolveram nesta faculdade tornaram-se extremamente viva a contradição que opôs os estudantes em luta ao dirigentes oportunistas. A existência dessas lutas, dessa movimentação na base, bastou para impedir que os dirigentes conseguissem ocultar essa contradição, ou fazer calar as vozes discordantes, como aconteceu noutras faculdades. E serviu ao mesmo tempo para mostrar a necessidade de organização a partir da base, como única forma de ligarmos entre si as várias lutas que, sem essa arma, continuarão dispersas, sem poderem ultrapassar o nível da espontaneidade. As eleições do primeiro período foram um importante passo em frente. Fazendo tábuas raras das proibições das autoridades e da liquidacionismo das reivindicações reformistas, os estudantes conquistaram na prática o direito de reunião que os reformistas pedem, e elegeram os seus representantes vinculando-os a programas de carácter claramente anti-reformista. Mais tarde uma Assembleia de Faculdade que os dirigentes haviam tentado impedir, realiza-se com êxito e lança um processo de luta contra o regime de faltas, durante o qual a combatividade das massas, e sua clara vontade de resistência foi traída pelos dirigentes associativos, cujo papel foi sempre o de fazer recuar a luta, de a sabotar, de dar sobre ela uma informação deturpada, numa linha de acção que objectivamente se identificou com o interesse das autoridades. Durante este processo tornou-se evidente o afastamento total entre o M.A. e as massas. As estruturas sindicais actuaram claramente, aos olhos de toda a gente, como travão do processo. Fez-se a prova da impossibilidade de se transformar por dentro.

A COMISSÃO ASSOCIATIVA — Assim se chama o último esforço dos reformistas para tentarem manter a sua ditadura sobre o movimento sindical dos estudantes. Esta estrutura, que pretende dirigir a luta dos estudantes, foi formada por métodos extremamente capulistas, que esses estudantes ainda hoje desconhecem. Com propostas de Inter-Juntas (reunião suprema dos "quadros") e pretenderem vincular a si o movimento; reproduzindo "mandatos" a partir de "mandatos" dentro da concepção muito especial que os reformistas têm de "representatividade". Acessados pela evolução do movimento para fora dos limites em que pretendem mantê-lo, os dirigentes oportunistas multiplicaram as forças desesperadas para tentarem conter todas as vozes discordantes desta iniciativa burocrática, em Medicina, em Direito, nas Desportivas, no Citac, no Celuc, no próprio Conselho de Repúblicas... A Comissão Associativa não foi eleita pelos estudantes, mas isso não é sequer o fundamental pois a verdadeira representatividade nasce da prática da luta, da justiça das palavras de ordem que em cada momento correspondam ao nível de consciência e de radicalização das massas. Com a Comissão Associativa pretendeu-se construir a direcção do movimento da cima para baixo, fabricando objectivos para impôr nos estudantes com o intuito claro de travar a luta na base. Os reformistas têm medo das massas. E têm medo para isso.

A LATADA — Não vamos tratar aqui a questão da luta contra a Queima, o que faremos proximoamente, mas a posição dos dirigentes oportunistas face a essa luta, que, no fundamental, foi a seguinte: desligados do processo, apareceram à última da hora para fazer votações a pressão e declararam que a Queima não se pode realizar "porque a associação está fechada", tentando assim fludir a luta estudantil contra o carácter de classe burguesa da Queima, contra a publicação dos recepionários que defendem o ensino de classe e as suas reformas. Durante o ataque ao cortejo, isolaram-se ao pretenderem lançar palavras de ordem que os estudantes presentes já tinham ultrapassado. Em seguida, pretendem mobilizar as massas em luta para uma reunião sobre problemas técnicos (distribuições, etc.)! E finalmente, dão informações falsas sobre o que se passou e o que se gritou, como qualquer estudante presente sabe muito bem. Ao longo deste processo, a posição dos reformistas é clara como não podem impedir a destruição da Queima, pretendem "reformá-la". Também eles serão queimados.

PRATIQUEMOS UMA LINHA DE MASSAS — LUTEMOS POR UM ENSINO POPULAR

O afastamento total entre o M.A. e as massas é uma realidade evidente. É cada dia mais antagónica a contradição que separa a prática de luta dos estudantes dum aparelho sindical burocrático ao serviço do reformismo. Contra ele devemos reorganizar o movimento pela prática de uma linha de massas dirigida para a discussão política na base. Ao imediato oportunista das "reivindicações concretas" devemos opôr a luta contra a universidade burguesa. As "Reformas Gerais e Democráticas da Universidade" devemos opôr a luta por um ensino popular ao serviço dos trabalhadores. As tentativas de sabotagem do movimento, devemos opôr a luta contra os reformistas.

A luta que os estudantes portugueses travam a nível nacional por uma Universidade Popular no seio de uma sociedade transformada e dirigida pelos trabalhadores, assume actualmente dois aspectos principais: luta contra o conteúdo e métodos de ensino de classe da burguesia, luta pela conquista na prática dos direitos democráticos de livre reunião, discussão e expressão.

A prossecução destes objectivos exige a prática constante de uma linha de massas, isto é, exige a construção na luta de uma organização sindical capaz de perspectivar correctamente os objectivos definidos na base, de os transformar em palavras de ordem correctas, partindo das massas para voltar às massas. Só a constante ligação às massas, o inquérito constante ao seu nível de consciência, garante a justiça da nossa linha e a correcção da nossa prática. A água corrente não apodrece: é esse o movimento constante que nos permite evitar a fossilização burocrática das estruturas sindicais que só pode servir os oportunistas.

Na situação actual do movimento estudantil de Coimbra, a prática de uma linha de massas impõe como tarefa principal armar as massas dos instrumentos de luta de que têm carecido, isto é, impõe um trabalho de reorganização do movimento sindical.

Defendemos que essa reorganização deve ser feita a partir da base, em íntima ligação com as grandes massas e a partir das próprias lutas. Defendemos que deve partir do alastramento de grupos ligados aos cursos e formados por elementos directamente comprometidos perante o trabalho associativo. Assim se garantirá a possibilidade de descentra-

lização que liberte de forma organizada a iniciativa das massas, e se criem ao mesmo tempo condições cada vez mais fortes para uma direcção coesa do movimento. A forma organizativa que propomos, chamamos Núcleos Sindicais de Base.

OS NÚCLEOS SINDICAIS DE BASE (N.S.B.'s)

A construção do movimento sindical ligada ao trabalho associativo, é a tarefa a que metem ombros os Núcleos Sindicais de Base, que pretendem lutar em Coimbra, pelos objectivos do Movimento Estudantil. Os núcleos já existentes nas faculdades de Medicina e Direito e nos Liceus propõem desde já, como bases programáticas mínimas e provisórias para a construção de um sindicalismo de novo tipo o seguinte:

- 1- Constituição de N.S.B.'s em todas as escolas, a fim de reorganizar o movimento sindical a partir da base, pela aplicação de uma linha de massas no trabalho associativo;
- 2- Objectivos de luta:
 - a) Luta contra o conteúdo e métodos de ensino da classe da burguesia;
 - b) Luta pela conquista na prática da discussão política na base;
 - c) Estruturação anti-reformista da luta contra a Queima das Fitas, enquanto manifestação burguesa da classe;
 - d) Reorganização do movimento sindical a partir do afastamento dos N.S.B.'s, com o objectivo final de expulsar os reformistas da AAC;
 - e) Informação sobre a luta estudantil nas outras universidades.

Quáremos iniciar o combate. Quáremos vencê-lo!

Todos ao trabalho associativo nos Núcleos Sindicais de Base!

Criar um-dois-três, muitos N.S.B.'s !

A UNIDADE DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

No momento actual, quando iniciamos a construção de um movimento sindical capaz de lutar, em Coimbra, pelos objectivos de todos os estudantes portugueses, assume particular importância a questão da unidade da luta estudantil a nível nacional.

Os princípios em que deve assentar a construção da unidade dos estudantes portugueses são os mesmos em que assenta a construção do movimento a nível de Coimbra, isto é: a crescente unificação das lutas a partir do desenvolvimento do trabalho associativo, o seu avanço para níveis superiores a partir da aplicação de uma linha de massas no fortalecimento da organização sindical. A unidade dos estudantes portugueses será então a expressão organizativa da real unidade de luta dos estudantes, em vez de se basear em acordos entre dirigentes.

Por isso, discordamos da posição dos dirigentes oportunistas de Coimbra que pretendem a criação para já de estruturas unitárias criadas a partir de acordos de cúpula e com fins meramente anti-repressivos, cuja função explica, no seu "Boletim Associativo", editar comunicados "só informativos" (perceba-se: aos dirigentes reformistas de Coimbra não convém explicar o sentido real das lutas travadas em Lisboa e no Porto), comemorar datas importantes do M.A. (!) e estabelecer contactos entre as várias associações.

Por isso, consideramos justa a posição das associações de Lisboa, que fazem depender a construção da unidade dos estudantes portugueses do desenvolvimento do trabalho associativo nas escolas do crescente enraizamento das estruturas sindicais, da definição de um programa unitário a nível nacional com base nos princípios do movimento, a ser discutido e aprovado por todos os estudantes. Só uma organização unitária assim criada poderá opôr-se de forma eficaz e duradoura à repressão governamental.

A unidade dos estudantes portugueses constrói-se na própria lógica do desenvolvimento da luta estudantil, e não na lógica da repressão governamental ou das ideias reformistas.

As organizações unitárias dos reformistas vivem desligadas das massas e vivem por si, como foi, entre outras, o caso da CNEP. Já no ano passado, os estudantes em luta rejeitaram, a nível nacional, as propostas oportunistas dos dirigentes de Coimbra, que pretendiam desviar o movimento para um "encontro nacional contra a repressão".

A unidade dos estudantes nada tem a ver com a unidade dos reformistas.

A organização unitária nacional que os estudantes portugueses construirão será capaz de cumprir os objectivos históricos do movimento estudantil. Crescerá em íntima ligação com a sua luta. Será capaz de ultrapassar o isolamento estudantil e colocar essa luta ao serviço do povo.

OS NÚCLEOS SINDICAIS DE BASE DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL
DE COIMBRA